

Risco alto de depressão

CRISTINA BORGES

O risco de a economia mundial entrar num processo de desaquecimento que pode levar à repetição da Grande Depressão de 1929 é significativo, avalia o economista Roberto Montezano, coordenador da Faculdade do Instituto Brasileiro do Mercado de Capitais (Ibmec). Ele concorda com a análise do relatório de 1998 da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (Unctad), organismo das Nações Unidas (ONU), ao defender uma alternativa keynesiana para a adoção de políticas monetárias mais flexíveis e de maior controle do Estado sobre o fluxo de capitais.

O padrão de acentuado crescimento mundial nos últimos 15 anos, movido pela grande poupança disponível, acrescenta Montezano, dá sinais de reversão. "A mesma força que impulsionou o consumo e a grande mobilidade de capitais em busca de melhor rentabilidade está sujeita a uma espiral descendente", diz.

Encilhamento – O economista do Ibmec admite a possibilidade de moratória internacional, "antes chamada de encilhamento, quando todo mundo parava para conversar". Sob um ambiente negativo, Montezano não descarta a possibilidade de desvalorizações cambiais competitivas, "instalando-se uma guerra cambial complicada, tão complexa, que pode levar a uma recessão mundial".

A partir da desvalorização da moeda de um país com importância continental, como o Brasil, diz Montezano, os demais seriam obrigados a tomar a mesma decisão para estimular exportações, provocando a redução das importações. "Num efeito cascata, todos os países nessas condições acabariam por reduzir o comércio internacional, que foi a mola mestra do desenvolvimento mundial", diz.

Especulação – Visão diferente tem o professor Carlos Ivan Simonsen Leal. "Não é absolutamente certo que a economia mundial esteja duplicando 1929. Não é devido a um modelo neoliberal que o mundo está ou não entrando em crise. Ela existe pela simples razão que estourou a *bolha de liquidez*", diz. Ele lembra que o excesso de capitais promoveu investimentos não muito sensatos, com especulações sem precedentes.

Para Simonsen Leal, existe um arcabouço keynesiano que é usado em momentos de necessidade absoluta. Ele se mostra totalmente contrário a qualquer iniciativa de moratória. "O país que optar por uma decisão extrema como essa nunca mais vai ter crédito, pelo menos nos próximos 15 anos", diz. Para ele, o Produto Interno Bruto brasileiro poderia ser hoje muito maior, não fosse a moratória unilateral declarada em 1987. O economista defende um ajuste fiscal efetivo, condição essencial para liberar o câmbio.